

O Boquet à Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1500, 8 mezes 15000, 4 mezes 500, Brazil 34000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os anrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Revista Internacional.
Noticiario.
Secção litteraria:
Do meu dia ás 3 (conto), *Adir Agram*.
E eu que a amava tanto!... (conto) *Annibal Leão*.
N'um album (poesia), *Vidal Oudinot*.
Um beijo (conto), *A. Leão Martins*.
Cavaqueiras (conto), *Alberto Correia*.
O dia de teus annos (soneto), *C. Guimarães*.
Paralelo entre a humanidade e o oceano, *Ricardo Souto*.
O Peregrino, *A. C.*
Uma anedocta velha, (conto) *Alvaro Lagrin*.
Uma visita a Angeja, *Tavarreca*.
Horas vagas, *Narciso d'Albuquerque*.

ANGEJA, 30 DE MARÇO DE 1887

REVISTA INTERNACIONAL

Na Prussia reina uma enorme animação, por occasião das festas do nonagésimo do rei Guilherme.

A Berlim tem chegado uma multidão de enviados de todas as partes do globo, tanto membros de casas reinantes, como simplesmente representantes. Nas hospedarias berlinesas é difficil achar cabimento; attento o grande numero de forasteiros que alli aportaram.

O facto mais importante que se póde deduzir de todas as sollemnes demonstrações da Europa em especial e de todo o globo para com o rei da Prussia é a grande preponderancia que a Alemanha exerce sobre os destinos de todas as outras nações, superioridade incontestavel, que chegou ao mais alto grau no reinado actual, fazendo recordar a época, faustosa para a Prussia, do rei Frederico, o Grande. Effectivamente a paz ou a guerra na Europa, depende, em grande parte, da vontade do fortissimo velho e temivel triumphator allemão: o rei Guilherme, o chanceller Bismarck e o general Moltke.

Na Russia continua o czar Alexandre sendo alvo das conspirações dos nihilistas.

O telegrapho está sempre dando noticia de novos attentados, premeditados e levados em parte a effecto por uma multidão de conspiradores, que se estendiam por todo o vastissimo imperio moscovita, tendo ramificações nos palcos estrangeiros e contando adeptos na mais alta aristocracia russa, inclusive em senhoras, nos estudantes d'universidades e academias, nos das escolas militares, na officialidade e até o que mais incrível parece e certamente de mais serias consequencias para o czar, na guarda imperial russa.

Não é talvez, a nosso ver, apreciavel o procedimento do nihilismo, mas quem deixará de censurar ao czar, que, certamente, pela sua instrução superior, deve estar ao corrente dos factos da historia e das aspirações e progressos populares, que a successão dos tempos faz sem duvida realisar, a sua attitude intransigente ante o desejo d'um povo inteiro e a sua tendencia para continuar no absolutismo do imperio russo, systema politico hoje banido de quasi todo o globo?

A tardança do desenvolvimento da terrivel e tonaz sociedade occulta da Mescovia é, sem duvida, devida á falta de instrução no paiz, que ainda hoje é um dos mais obscuros, senão o mais da Europa.

Demais, Alexandre devia recordar-se de que estamos em 87 e de que d'aqui a 89 pouco vai e quem nos diz que o 89 dos russos não surgirá passado um seculo sobre a terrivel época da dethronisação de Luiz XVI?

E' uma lucta gigante, titanica, em que nos parece que o czar não levará a melhor, porque o partido do povo é sempre o mais forte. Alexandre é um só e mesmo todos os Romanoffs do porvir o que são ante a tenaci-

dade, que caracteriza a temivel e incansavel sociedade russa?

Não menos poderosa e mais antiga, a dynastia dos Bourbons, que tem produzido 130 soberanos, cahiu de França pela forma que sabemos e foi proscripta d'Hispanha e Napoles, embora temporariamente, pelas consequencias da Revolução. O que será que o futuro marcará ao Oriente?

—Na Irlanda continuam as dissensões O p. Keller foi preso por desobediencia ás autoridades, mas por forma que mais parecia um triumpho do que uma prisão. Os londrinos pensam em fazer intervir o pontifice, que tem servido de mediador em mais casos internacionais, mas crê-se que a ingerencia de Leão 13.º não terá o effeito desejado, vista a impossibilidade do clero irlandez recuar ante a posição tomada ha tanto já.

NOTICIARIO

Monopolio —N'estes ultimos dias tem-se o povo do Porto divertido um pouco com a scena representada pelos operarios, que lhes tem sido ensaiada pelos inimigos do governo ou antes do sr. Marianno de Carvalho. E' o republicanism e sempre o republicanism, que no exercicio das suas funções, incita á rebellião e a advoga e quem sabe? Talvez algum mais ainda; talvez algum capitalista gordo, que na canceira de levantar difficuldades ao governo trata de vingar-se da *supressão de proventos rendosissimos* que em tempos que não vão longe a nação lhe fornecia. Isto tem uma consequencia — é o governo e as autoridades redobram de energia.

Partida —Foi ha dias para Villa Real passar as ferias em companhia de seus ex.ººº pais, o nosso amigo José Augusto Anta Botelho.

A junta de parochia de Angeja. —Foi ha dias a Aveiro levantar 500:000 reis de subsidio concedido para dar principio ás obras da igreja. Já comprou madeira para os primeiros trabalhos.

Encommodo. —Tem estado ha dias com uma bronchite em Angeja o snr. Manoel Armenio Rodrigues, honrado commerciante estabelecido em Pernambuco.

Jornaes recebidos. — Em troca dos jornaes que enviamos ás diferentes redacções, recebemos os periodicos que seguem, agradecendo cordialmente a estima dos collegas:

Regenerador de Braga; Villanovense, Gazeta de Famalicão e Alvorada de Famalicão; Gato Bravo, Recreio do Povo, Espicula, Perola, Academico, Estandarte Vermelho, Democracia Commercial e Bezoiro do Porto; Povo d'Aveiro; Aurora do Cavado de Barcellos; Voz d'Estarreja e Jornal d'Estarreja El Globo de Madrid; 17 de Julho e Bijou de Guimarães; Independente Regoense e Intransigente da Regoa; Arrocho de Ovar; Commercio de Lisboa Escarpello e La Voz Galaica de Lisboa; Feirense da Villa da Feira; Nove de Julho de Beja; Semana Setubalense; Soberania do Povo de Agueda; Conimbricense El Siglo e El Nuevo Intermedio de Barcelona; Le Révolté. O propagador da industria e Commercio Franceses, Rua Taillor, n.º 8. Paris.

Publicações scientifico-litterarias recebidas. — *El Naturalista*, Semanario illustrado, de Barcelona, habilmente redigido por D. Francisco de A. Darder y Ltimona, cujo texto, do n.º que temos sobre a banca, é:

Carreras de caballos. — Aves de corral. — La Zorra, por Juan Monserat y Archs. — Resultado de las autopsias. — Anedoctas.

Grabados. — Gallo la flèche. — Galina de la flèche. — La Zorra.

O Instituto, n.º 8 da segunda serie, orgão da instituição conimbricense assim intitulado.

Eis o summario: *Boletim do Instituto*. — O Christianismo por Joaquim M. Rodrigues de Brito. — *Projecto da reforma da faculdade de Mathematica*, redigida pela commissão eleita em congregação de 29 de dezembro de 1886. — *Superioridade da naphthalina como agente de conservação das colleções zoologicas* — por L. V. — *Prece a minha mãe* (poesia) — por José Peres Ramirés. — *Memoria historica do concelho de Reguengos de Monsaraz* — por Pedro Manoel Nogueira. — *Obras mais notaveis dos auctores portuguezes, condemnadas pela sagrada congregação do Index*. — *Boletim Bibliographico* — por Trindade Coelho. — *Chronica*, por F.P.

Recebemos tambem a *Revista dos Tribunaes*, de que são dignos redactores os ex.ººº snrs. drs. Augusto Maria de Castro e Ferreira Augusto. De Oliveira d'Azemeis o *Jornal do Povo*.

De Jumilla *El Pandero*.
De Ponta Delgada, *O Civilisador*.
De Tarragona, *El Ateneo*.
De Lisboa, *O Escarpello*.
De Villa Real, *A Juventude*.

SECÇÃO LITTERARIA

Do meu dia ás 3

(A ANTONIO DE LEMOS)

O sol está-se quente demasiado. A' sombra gela-se, é no inverno e ao meio dia. A' porta da tabacaria, na Praça, grupos de rapazes de fatos escuros, a sobrecasa, o *frak*; nas lapellas ramos artisticos de violetas roixas, ou camelias brancas, escaletas.

Na igreja, na missa, ainda ficaram aquelles para quem se torna interessante o rosto pallido ou rosado d'alguuma galante menina, que os anima á adoração mysticista, contemplativa, nos olhares que trocam com elles, seduzidas a troco de meia duzia de cartas d'estylo, e outras tantas tolices d'effeito.

N'isto terminada ella, sahe tudo; então os mais conhecidos, os que acompanham seraphicamente as meninas Mottas, as meninas Pereiras, e outras do mundo elegante, distincto, sahem na sua importancia de chapéu fino de seda e charuto barato, a cumprimental-as. E as candidas meninas sorriem contentes aquella delicadeza ingenua.

—A que horas se retiraram do baile do Club... devem estar fatigadissimas... perguntam.

—Não, não! Dizem ellas, lembrando as promessas intimas, segredadas durante uma valsa que as estontecem!

E vai reunir-se tudo ao Palacio; ahí a flor das familias abastadas pas-

seia as suas *to leles* d'estação, garri das, espaventosas.

A avenida espaçosa, vasta, deixanos ao fundo, n'um panno collossal, um panorama esplendido! Em baixo o rio d'uma agua barrenta, os navios, os vapores ancorados, e os barcos pequenitos, vogando; acima, o monte esverdeado do arvoredo alto e da relva, cortados pelas estradas ao longo, alem uma casa, umas fabricas, com altas chaminés de tijolo a expellirem camadas negras de fumo espesso que se perde depois, elevando-se infinitamente no ceu claro com nuvens brancas, transparentes, a esfarraparem-se...

Ficam á sombra dos bancos amarellos que orlam a avenida, as pessoas pacatas, commodistas, que ouvem bocejando os trechos graciosos da *Carmen*, pela banda, no coreto. As meninas solteiras, novas, n'uns grupos bonitos, muito airosas, passeiam no entretanto a coberto das pequenas *marquesitas* assetinadas que estallam surdamente aos raios vivissimos d'um sol de verão, criticando adoraveis, tanto ridiculo que disfrutam. E' o Alberto que nunca tira o olho de Julia, o Augusto que narra a Laura, a mesma por quem ainda apaixonado um vendedor de perolas, um joalheiro de joias falsas, é aquelle poeta das burguesinhas que transtêa uma valsa que offereceram á sua amada, com grave visto d'um duello imminente, é enfim á passagem d'essas namoradeiras e apaixonados por junto, que o riso mais espontaneo explue dos labios, juntando-se aquella maledicencia innocente.

Primeiro andam sosinhas, á vontade, depois quando chegam os taes rapazes muito conhecidos, acompanhadas logo nas voltas pela avenida, moderam-se os sorrisos que são mais abafados, mais mordazes... e elles na vaidade suprema de finos adoradores deixam olhares de piedade á passagem por os conhecidos, que não tem a ventura que elles gosam, de serem os favoritos de tão galantes donzellas.

Enfatuados da importancia a que se arrogam, não veem que ellas, as azougadas vespasitas, n'uns ditos finissimos os arguem de tanta parvoíce.

Alguns ha que fallam do seu coração, dos seus sentimentos castos, de sua alma apaixonada, tudo d'envolta com projectos de passeios pela aldeia, de noites de theatro bem passadas, de renniões intimas, de mil banalidades emfim!

Os rostos das mamãs bondosos, a sua confiança n'elles revelada é que faz pasmar. Deixam suas filhas expostas a ouvirem o que deveriam ignorar sempre e fecham-nas para que á tarde não vão á janella conversar com a vizinha defronte!

Mas são tres horas já, o cocheiro do americano dá o signal de partida e já dá vontade de ir até casa tomar descansadamente o café ao fim do jantar.

Porto—87.

Adir Agram.

E EU QUE A AMAVA TANTO...

(a L. A.)

ERA meia noite. A brisa ciciava brandamente por entre a folhagem das copadas arvores.

Só o doce murmúrio d'um regato formando pequenas cascatas cristalinas, quebrava o sepulchral silencio que reinava no jardim do palacio de Laura Alves.

E lá ao longe, muito ao longe, ouvia-se o surdo rumor da grande cidade entregue ainda nos braços do azer. A lua estertava-se na abobada constellada em toda a sua plenitude admiravel. A luz suave do luar podia-nos ver um mancebo sentado em um banco rustico; meditava. Era bello; nos seus olhos verdes-claro lia-se a bondade e a nobreza da alma; no triste sorriso que lhe descerrava os labios, notava-se a resignação e paciencia para soffrer os revezes da sorte; na fronte espaçosa, adivinhava-se a intelligencia lucida de que era dotado, no nariz perfeitamente aquilino e no queixo um pouco aguçado, via-se a altivez de caracter que possuia; um pequeno bigode louro, muito louro, ornava-lhe o labio superior, as mãos eram brancas e pequenas. Meditava. De repente levantou-se ao ouvir a areia estalar sob os passos de alguém que se aproximava correndo. Uma forma branca, vaporosa, um vulto divinal de mulher veio cair impetuosamente nos seus braços murmurando — Roberto!

—Laura! exclamou elle; querida Laura!

E estiveram muito tempo estreitamente abraçados, e só o ruido offensivo da respiração de Laura, o batimento apressado do coração de Roberto contra as paredes do peito, e o doce murmúrio d'um regato formando pequenas cascatas cristalinas, quebravam o sepulchral silencio!

Laura Alves era o exemplo do supremo ideal! Era deslumbrante, formosissima! O rosto perfeitamente oval, a fronte espaçosa, branca e ornada de magnificos cabellos negros, os olhos pretos, imoldurados por duas franjas de compridas pestanas, quando se fixavam em alguém lançavam mil scentelhas que atrahiam irresistivelmente; as sobranceiras arqueadas graciosamente davam-lhe um dom de poesia que encantava; o nariz grego, a bocca pequenina rodeada de labios de coral, deixando ver, quando se entreabriam, um fio de perolas admiraveis; o queixo admiravelmente modelado, e para o encanto ser maior, uma covinha no meio d'elle. Quanto ao busto não ha penna que o possa descrever. A alvura da carne, o torneado dos braços a pureza do collo e opulencia do seio maravilhosamente talhado, a cintura estreita, flexivel e acima de tudo isto as mãos e os pés d'uma creança! Tal era o retrato de Laura Alves, e creiam os leitores que não exagero.

—Oh! Roberto, Roberto! exclamou por fim Laura, o que eu fiz, meu Deus, a esta hora, n'um jardim, só contigo, se meu pae soubesse.

—Que receias, Laura? Não é sufficiente couraça para a tua honra de donzella, o puro amor que te dedico e o respeito, a veneração que por ti sinto?

—Mas, imagina que meu pae...

—Laura, interrompeu Roberto; é a primeira vez que nos achamos juntos, fallemos, pois, de ti, de mim, do nosso amor e deixemos teu pae, esqueçamos que existe o mundo e supponhamos que somos os unicos habitantes da terra. Queres assim?

—Quero, Roberto, quero tudo o

que tu quizeres; olha, tu amas-me muito não é verdade?

—E perguntal-o, creança? respondeu Roberto ajoelhando aos pés da sua amante e tomando-lhe as mãos entre as suas; perguntas se te amo! Não comprehendes que o meu coração só por ti pulsou pela primeira vez! não adivinhas que a minha alma voava para a tua levada por irresistivel attracção! Não vês que o meu pensamento continuo, a minha ideia fixa eras tu, tu que tanto adoro! tu que és a minha vida a minha ambição, o meu orgulho, o meu amor! E perguntas se te amo? Olha, interroga a abobada infinita, interroga as estrellas, o sol, a lua e as campinas, os rios e as montanhas e elles que te respondam se quando eu os contemplo não veem apparecer de permeio a suavissima visão da tua imagem! Interroga tudo quanto não fór humano e tudo te responderá que eu te idolatro; mas, os homens, oh! esses não os interrogues, rir-se-hiam de escarneo; esses não sabem não podem comprehender o que é amor não conhecem essa intima parcella do nosso ser. Eis como eu te amo, Laura. E tu, tambem me amas assim?

—Não sei, Roberto, não sei se te amo; mas, se é amor sentir bater desordenadamente o coração dentro do peito quando vemos ou fallamos ao homem que distinguimos entre os outros, se é amor ter desejos veementes de viver só para esse homem, de não pensar senão n'elle, de soffrer quando elle soffre, ter anhelos de estar sempre ao pé d'elle, para lhe adivinhar os seus mais intimos pensamentos e satisfazer os seus mais pequenos desejos, se isto é amor, Roberto, oh! eu então amo-te, muito, muito, muito, porque tu és isto eu sinto por ti!

—Laura!

—Roberto!

E estes dois entes que tanto se amavam, que tinham nascido um para o outro, cujas almas se fundiam n'uma só, cujos corações só palpavam um para o outro; estes dois entes inclinaram-se, confundiram os halitos uniram os labios, e o innocente ruido d'um casto beijo e o doce murmúrio d'um regato formando pequenas cascatas cristalinas vieram quebrar o sepulchral silencio!

Casaram.

Que póde a tyrania paterna contra o amor veemente que une dois corações que se atraem?

O pae de Laura Alves, o velho fidalgo orgulhoso de seus pergaminhos, o homem cuja vontade tinha sido sempre cumprida, e que tinha visto sempre curvarem-se perante os seus caprichos todos aquelles que o cercavam, viu pela primeira vez em sua vida, elevar-se ante a sua tyrania indomavel ante a sua vontade de ferro, a voz de sua filha que veio pedir-lhe o seu consentimento para casar com Roberto.

E quando recusou ouvir com espanto, com colera, Laura dizer-lhe que em vista d'uma tal recusa, sairia immediatamente do castello para se ir juntar ao seu noivo!

Soltou um rugido de fera levantou a mão para a filha, fez estremecer as paredes seculares com as suas imprecações, tyrانىsou os seus fieis e velhos creados e afinal, tudo isso de nada serviu porque a tyrania paterna nada pode contra o amor veemente que une dois corações que se atraem!

Casaram.

Passaram-se dois annos de completa felicidade para Roberto.

Digo, de felicidade para Roberto, porque Laura a doce e meiga Laura não era feliz.

Costumada a viver na solidão ignorando tudo quanto era prazer, desconhecendo o mundo; Laura, quando depois de casada se viu objecto das continuas adulações de todos os fidalgos da corte, principiou a julgar-se bonita, elegante, irristivel fez-se coquette e tratou de imitar as suas amigas da corte.

Escolheu entre todos os fidalgos um favorito... principiou a fazer a comparação entre elle e o marido. O resultado prevê-se. Roberto ficou muito em baixo n'esta comparação. Ella achava que elle era deselegante, antypathico, estúpido que se vestia mal; finalmente, chegou a dizer ao seu querido favorito que o marido parecia um lacaio que se tinha querido fazer fidalgo! Elle, o favorito, ria-se muito, em grandes gargalhadas trocistas.

—Que effectivamente era assim, que parecia vendido dentro da casa etc. etc.

E Roberto que a considerava ainda como o seu idolo, que a amava cada vez mais, Roberto ignorava tudo, ainda a julgava o mesmo anjo de candura! Não é para admirar isto; porque, geralmente os maridos são os ultimos a saberem que as mulheres os enganam... e quando o sabem! Era por isso que Roberto passados dois annos de casados se considerava ainda completamente feliz.

Um dia Roberto foi enviado a Madrid em commissão diplomatica. Demorou-se 8 dias, 8 seculos para elle e 8 segundos para ella!

Quando regressou a Lisboa cheio de saudades e ansioso por abraçar a sua Laura, correu a casa obrio de alegria.

Mas, qual não foi o seu espanto quando soube que Laura estava ausente!

—Então ella não recebeu uma carta em que lhe annunciava a minha chegada? perguntou elle á creada de quarto.

—Recebeu, sim, meu senhor e... —Recebeu! E não me esperou! Talvez fosse chamda ao Paço... emfim, esperarei.

—Mas, meu senhor, v. ex.ª ainda me não deixou fallar, disse a creada; eu tenho uma carta?

—Hein! Uma carta! De quem?

—Da senhora...

—Da senhora! exclamou elle tornando-se pallido; da senhora! de Laura! Dá cá!... deixa ver...

E arrancando a carta das mãos da creada, rasgou o envelope e leu com voz tremula:

«Roberto

Quando ha dois annos disse que te amava, enganei-me; não era amor o que sentia por ti, era amizade. Hoje sim, hoje amo verdadeiramente, conheço o amor. Sei que me adoras, Roberto; e todavia, deixo-te... abandono-te por que já não poderia prodigalisar-te as caricias e attentões que d'antes eram para mim a ventura! Seria cruel, se os meus labios mentissem dizendo que te amava quando o coração sentia só sympathia; e teria remorsos, julgaria os meus sentimentos muito baixos se consentisse que o homem que me idolatra, fosse indignamente enganado julgando que sua esposa o amava como d'antes. Não te amo, Roberto, respeito-te. Comprehendo o teu amor, conheço a adoração de que sou alvo e comtudo deixo-te! Fujo com um homem a quem julgo amar. Talvez me engane, talvez sejam mentirosas as palavras d'elle e comtudo... crei-o... acredito-o... julgo-o sincero. Não procures saber qual foi o meu destino, trabalharias em vão; talvez um dia nos tornemos a encontrar.

Perdôa-me! Roga ao teu coração que não pulse mais por mim; pede ao teu amor para que desprese uma mulher impura e esqueça-me. Esqueçame, Roberto; e se bondoso para aquella a quem tanto amaste, perdôa á infeliz inexperiente que te diz um ultimo adeus!

Laura.

Roberto ao terminar a leitura d'esta carta, olhou idiotamente para tudo o que cercava, balbuciou palavras sem nexo, soltou uma gargalhada sinistra e caiu sem sentidos!

E eu que a amava tanto! São estas as suas unicas palavras, dizia-me o director do hospital de Rilhafoles apontando para um mancebo cujo rosto se via envoltido prematuramente, cujos cabellos prateados indicavam o soffrimento atroz porque tinha passado e que passava agitado pelo quarto embebido na leitura d'um manuscripto esfarrapado.

—A sua loucura, segundo parece é muito benigna? perguntei.

—Sim, é.

—E ha probabilidades de o restituir á razão?

—Não, nenhuma. O abalo que padeceu o cerebro foi enorme; a razão esvaiu-se para nunca mais voltar! E' impossivel a cura; completamente impossivel!

—Pobre rapaz! E aquelle papel que elle lê tão avidamente?

—E' a carta de despedida que sua esposa lhe escreveu quando fugiu com o amante.

—Oh! mas isso é um verdadeiro romance! Conhece a historia d'esse homem, doutor?

—Perfeitamente, tem empenho em sabel'a?

—E' esse o meu mais ardente desejo.

—Então ouça:.....

E o doutor contou-me, sem omitir uma palavra, a historia que os leitores acabaram de ler. Quando terminou eu estava commovidissimo e senti as lagrimas correrem silenciosas pelas faces.

—Já vê caro amigo, continuou o doutor, que o choque foi profundissimo para podermos ter esperanças de restituir a razão a este infeliz!... e comtudo... havia um meio... mas.

—Um meio! E não o poem immediatamente em pratica?

—Não, não o podemos por em pratica porque é irrealisavel.

—O que é então?

—Conduzir aqui Laura, lançal-a aos pés d'esse desgraçado Roberto fazendo com que ella lhe jurasse que o amava, recordando-lhe o passado venturoso, que ambos tinham fruido, fazendo-lhe crer....

—E suppõe que esse meio era infalivel?

—Não supponho, tenho a certeza! O muito amor o enlouqueceu, só o amor lhe dará a razão.

—E qual o motivo porque não tratam de restituir a intelligencia a este desgraçado?

—Porque se ignora o destino que teve essa... adulltera!

N'este momento fomos interrompidos pelo pobre louco que se tinha aproximado de nós e que murmurava ternamente:

—E eu que a amava tanto!...

—Doutor! exclamei; sinto-me commovidissimo, estou até encommoado com este triste espectáculo; desculpe-me... não posso mais... retiro-me.

—Não me admira isso, meu amigo; pois todas as pessoas que veem este homem e que ouvem a sua historia sentem-se de tal forma impressionadas que se retiram immediatamente sem quererem visitar os outros aposentos do hospital.

—Já vê, doutor; que não sou excepção á regra. Adens, doutor, e obrigado.

—Adeus, amigo, até um dia.

E sai d'ali impressionado, doente, meio doído, sensibilizado perante tão grande infelicidade e sentindo nos ouvidos durante meia hora o murmurar terno do louco:

—E eu que a amava tanto!

29-3-87.

Annibal de Leão.

N'UM ALBUM

(o A. Leão Martins)

Fui um sceptico fial... mas esse olhar, senhora, Foi um raio de luz que distillou a auroral...

Meu peito era o Oceano. E a luz do vosso olhar Mudou-o gradualmente em manto de luar!

Os sorrisos que teem a vossa bocca fina, São ideaes d'amor da rosa alabastrina...

E viesteis, sonhadora!... envolta em riso franco, Exhaurir o perfume ao lyrio moigo e branco...

Se eu fosse o lyrio!... Então... que tresloucada esp'rança!... Sentir os beijos bons de tão loira creança!...

Perdão, minha senhora, eu sou um louco... O olhar, De Vossencia produz a embriaguez do luar...

E se elle fôra meu, só meu, minha senhora, Faria d'elle a luz benifica da aurora!...

Faria d'elle um sonho, um manto de luar, Onde eu engastaria os raios d'esse olhar...

Porto—87. Vidal Oudinot.

UM BEIJO

(*)

Eu conheci-a logo. Havia já muito tempo que a não via; suppunha que ella seria levada para algum paiz d'amor, onde a primavera fosse eterna, onde a natureza se abrisse em urnas amorosas.

Tinha desaparecido. Debalde a procurei entre as sombras rumorosas da avenida e no meio das rosas do jardim.

E, todavia, apenas ella se fitou, o seu nome acudiu-me aos labios, como um perfume de jasmim respirado em eras mais ditosas, em tempos que já lá vão.

Ao passo que a contemplava, mais admirava a sua formosura.

Conservava o mesmo rosado das faces, a mesma candura no olhar e a mesma elegancia nas formas — todos os encantos que eu lhe conheci em creança.

Eu fôra passar uns dias a sua casa que ficava no meio d'uma avenida onde nós vagueavamos e aspiravamos com sofreguidão o ar da tarde que nos refrescava a cabeça encandescida pelos raios solares.

No penultimo dia que lá me demorei fomos mais cedo brincar para a avenida.

Respiravamos os vagos aromas das flores e admiravamos os rapidos vôos das avesinhas que corriam para os ninhos.

A branda aragem agitava docemente os cabellos pretos de Dulce, soltos pelas costas abaixos. Ella sorria com uma graça infinita, e em seus olhos rasgados havia uma expressão de scintillante doçura.

Descançamos n'um assento de pedra que estava lá ao fundo.

Na atmospheria perpassava uma frescura suave, o horisonte corava-se d'uma cor viva, e no azul baluçavam-se algumas nuvens.

Dulce deliciava-se com os trinos dos cantores alados. Eu sentia pungentes saudades por ter de abandonar no dia seguinte a minha companheira da infancia.

Ella comprehendeu a minha tristeza. Mostrou que sentia vivamente a separação, mas animou-me, dizendo: que em breve eu regressaria para com ella brincar pela avenida, colher rosas do jardim e caçar borboletas.

N'isto chamaram-n'os.

Sem saber como os nossos labios tocaram-se.

Nunca mais a vi, nem nunca mais com ella corri pela avenida, nem tornei á caça das mariposas. Hontem encontrei-a, e lembrei-me saudosamente d'aquella creança. Reconheceu-me tambem. Por ventura recordar-se-ia Dulce d'aquelle beijo?—creio que não. Eu nunca o olvidei.

A. Leão Martins.

CAVAQUEIRAS

(FICA LÁ COM TODA A CERTEZA)

—Affirmo-te que não. —O' menino, vi-o eu! Má raios me parta se o não vi!... Entre parentheses: tomas café? —Pois sim.

—Pschiu! ó coisa!... Dois cafés, e conhaç...

—Para mim antes quero canna. —Pschiu! ó coisa! Dois cafés canna e conhaç, ouviste? —E' tão verdade o que te digo que te dou os signaes certos!

—Então como estava elle vestido?

—De frak, chapeo alto na cabeça e em ceroulas.

—Em ceroulas!

—Em ceroulas, sim, em ceroulas; Uma despido as ceroulas para elle lhe pregar uma presilha que tinha afrentado. Por signal que enquanto ella cosia, elle fazia-lhe cocegas no cachão.

—Tu és capaz de repetir isso mesmo diante d'ella?

—Sou sim, com os diabos! Ella bater não me bate com a toda a certeza.

—Homem, sabes tu que mais? digo-te que é da gente dar com a cabeça pelas pedras!

—Não que tu ainda és de bom tempo!...

—Prompto. Querem mais alguma coisa?

—Nada.—Quanto gastavas tu com aquillo?—Vê lá se queres mais assucar?

—Cinco tostões por dia e casa paga.—Não deites mais.—Afôra isto, uma pingadeira constante que me punha a tenir. Ainda hontem... hontem não, foi antes de hontem, lhe paguei umas botinas.

—Já vez! Eu disse-t'ô sempre!

—Vou-me a ella que a arrebentol!

—Qual cabaça! Isso era uma tolice refinada. Sabes o que eu fazia, se fosse a ti?—Isto não é café é agua de castanhas!

—Não presta para nada.

—Continuava a lá ir...

—Estás doudo!

—Continuava sim, não estou doudo, continuava a lá ir como se não soubesse de nada...

—Excelente vingança!

—Ouve o resto, com seiscentos!: continuava a lá ir e quando chegasse a occasião da renda ou da mezada...

—Pregava-lhe o mônio?

—Pregava-lhe o cão.

—E ella, zaz! a bater-me á porta todos os dias, e a deixar recados á familia, e a fazer algazarra na rua... etc. etc.

—Tá, tá, tá, bem digo eu! Olha que... nem sei que diga! Então n'esse caso é que servia o arroz; sa-rapintava-lhe o corpo de pisaduras, tão certo como eu ser eu!

—Sim: para ir preso, para ser processado, para perder o logar!...

Nada!

—Vamos lá a saber? —O melhor é eu ir a casa d'ella, desmascarala e não tornar a por-lhe a vista em cima.

—Mas, desgraçado! se tu lá vaes, ficas lá com toda a certeza!

—Quem? eu! Tu és tolo!

—Não sou, homem, não sou! sou experiente.

—Pois veremos!... E é que vou já, n'este mesmo instante, a casa d'ella!

—Não vás que ficas.

—Pagas isto?... Até já; eu venho já...

—Não vás que fi... fica lá com toda a certeza.

Foz do Douro, dezembro 1890.

Alberto Corrêa.

O DIA DE TEUS ANNOS

A alva raioz serena e encantadora Como manha d'abril aurifulgente... Por entre as gelosias—seductora— Assomaste á janella alegremente.

Tinhas o doce enlevo d'uma aurora No inspirador sorrir que extranhamente Me mostravam teus labios, qual se fôra Dia de goso infinito e transcendente.

Era de gala o dia com certeza, Pois não tinhas na face essa tristeza Em ti habitual... em outras eras...

E tu, tinhas rasão, luz d'esta esp'rança, Amethysta do azul, loira creança, —E' que fazias quinze primaveras.

Porto—87.

C. Guimarães.

PARALELO ENTRE A HUMANIDADE E O OCEANO

A HUMANIDADE é um amplo campo de convulsões tremendas e continuadas luctas como um vasto e largo oceano. Este, centro de movimento e de força, imponente e magestoso sempre, com a sua atroadora voz de leão e auctoridade de gigante, porfia rojar a seus pés os continentes como que punindo-os de o quererem algemar.

Aquella, centro de actividade consciente e de intelligencia, fôco de elaboração constante, ora latente, ora manifesta, cerebro universal que digere sempre, domina a natureza, prescrutando-lhe os segredos mais intimos, reduzindo e eliminando mysterios, concebendo e interpretando tudo.

Aquelle, armazem de riqueza material e scientifica; esta, precioso cofre de sentimentos nobres. O oceano gera e traz em seu colossal ventre monstros cuja boca é a entrada e cujo abdomen se transforma em cemiterio humano!

A humanidade tambem possui monstros, oh! santo Deus! que seriam desfeitos pelo rigoroso estylete da critica, mas o escriptor enoja-se ao encaral-os, os cabellos se lhe inteiricam como orientados por uma corrente electrica, os olhos se lhe embaciam como horrorizados, as faces se lhe impallidecem como se de improvizo lhes parasse a circulação, todos os membros baqueam como se proximo lhe estivessem preparando o patibulo onde subito visse o deslizar horrendo de Lacoonte.

A humanidade possui monstros em enjos corações nunca appareceu a sagrada arvore do dever e cêdo se esfolhou ou jamais brotou a flôr pura do sentimento, corações que foram assaltados pelos mais selvaticos instintos, constituindo uma divergencia pronunciada ou aberração

profunda na sentimentalidade humana.

O oceano, acossado pela tempestade furiosa e como que enfatiado de algum grande fardo, agita o dorso tremulo, e, com toda a força de sua raiva, expelle, com força de gigante, innumerables collossaes cordilheiras de sua massa, que se lançam em carreira vertiginosa, atroadendo os espaços como o leão o deserto, e como obrigadas por alguma força titanica, caminham á porfia sempre, umas após outras, arrojando-se sobre a praia impavida como pretendendo absorvel-a. Destroem-se de encontro a ella em myriades de fragmentos. Recuam vencidas na lucta e ajudam a engrossar as que seguem, mas é esforço sempre impotente para superar a praia que o provoca.

Assim a humanidade. Milhares de gerações surgem umas após outras, desenvolvem-se, e, por seu turno, precipitam-se de encontro ao vertiginoso turbilhão dos tempos, pulverizam-se e d'ellas só resta a sua inscripção no album commum da historia, que accusa a sua passagem ephemera por sobre a terra, e a grandiosa obra da civilização onde todas colaboram e corrigem.

Assim como o oceano, obedecendo a essa sympathy occulta ou força que lhe vem atravez dos espaços, intumece-se, se ensubberba, se mostrando a concentração do poder, jactando-se de força que não é sua, manifesta tendencia de se desalgar, de galgar a immensidade, e, em côro que atrôa o infinito, ir oscular a face do sol ou da lua, significando-lhe gratidão do quanto lhe deve, tentando um impossivel; assim a humanidade.

Impellido por essa avalanche do progresso, guiada pela voz da sciencia por essa voz auctorisada, que penetra até ao centro d'esta bola terrestre que habitamos, que calcula a sua densidade media, o seu volume e por tanto o seu peso! que não hesita em subir a amplidão dos espaços e de lá dar-nos noticia da constituição dos astros, origens e grandezas, trajetórias, velocidades e distancias relativas! a humanidade, repito, munida com essa força poderosissima e industria tendo por unico encosto a Esperança e a Crença e por divisa a Perfeição e Felicidade, porfia tambem illimitar o horisonte do pensamento, devassar a natureza, rasgar a cerração que ainda envolve nossos espiritos, bater ás portas do infinito e descobrir o incognoscivel.

Ricardo Souto.

O PEREGRINO

N'UM soberbo castello, do qual ha muito não resta pedra sobre pedra, morava outr'ora um fidalgo muito rico. Gastava elle sommas consideraveis em augmentar a magnificencia da sua casa, e raras vezes dava aos pobres uma pequena esmola da sua fortuna.

Um dia, um desventurado peregrino apresentou-se á porta d'este castello e pediu hospitalidade por uma unica noite.

—A minha casa não é hospedaria —respondeu-lhe o fidalgo expulsando-o com dureza.

—Permitti-me, senhor,—disse-lhe o peregrino—que vos faça tres perguntas e continuarei seguidamente o meu caminho.

—Com essa condição podeis interrogar-me que vos responderei com gosto.

—Ora pois, perguntou o peregrino, dizei-me quem habitou este castello antes de vós?

—Meu pae—replicou o fidalgo.

—E quem o habitou antes de vosso pae?

—Meu avô—tornou o castella.

—E quem o habitará depois de vós?

—Se Deus o quizer, meu filho.

—Muito bem!—continuou o peregrino—Se cada um pois, não habitou este castello senão durante um certo tempo, e se cada um que passou tem deixado o logar para o outro que hade passar, que sois vós aqui, senão um passageiro? Este castello é então realmente uma hospedaria.

Despendei menos dinheiro em decorar com tanta magnificencia esta habitação que não deve abrigar senão por pouco tempo. Sêde mais bemfeitor para os pobres; para que se vos não fechem as portas da única morada eterna—o céu.

O fidalgo, ferido por estas palavras, concedeu immediata hospitalidade ao peregrino, e tornou-se, desde aquelle momento, o caridoso protector dos infelizes.

As valdades do mundo em que vivemos
comnosco morrerão.
Só as boas acções que nós fazemos
nos sobreviverão.

Trad. livre de A. C.

Christophe von Schmid.

UMA ANEDOCTA VELHA

(A JOÃO RUMSEY)

UEM não conhecia o padre Francisco, o velho e gordo abbade de C...?

Todos o conheceram de certo. Já morreu. Era um pobre homem, bo-nacheirão, amigo da meza e mais ainda, talvez, da adega. Só tinha um defeitosinho, coiza mesmo de nada; não era lá nenhum furabolos, um tanto estúpido mesmo, mas no fundo, boa pessoa, uma excellente pessoa até.

Costumava ter dos seus parochianos uns magnificos presentes, uns presuntinhos de Lamego, uns frangões, uns docinhos de fructa, e umas garrafitas de Xerez, presente este que elle dizia ser d'uma intenção particular.

Tinha boas pechinchas como veem, o maroto do abbade.

Com esta ultima, as taes garrafitas, aconteceu-lhe uma partida que se, tu, leitor amigo, dás licença, te vou contar.

O abbade ensinava em caza latim aos filhos de algumas familias mais abastadas da aldeia.

Entre os rapazes que frequentavam a escola do Padre Francisco, havia um, gaiato, que não só conhecia a garrafeira do nosso homem, mas até era senhor d'alguns segredos mais.

Um dia em que elle com outros condiscipulos combinavam uma merenda, elle, tomando uma posição d'orador, e fallando n'um tom de voz grave, como o de quem vae dizer uma grande couza, soltou ao vento estas palavras:

—Quem dá o vinho é o P. Francisco.

Todos ficaram boquiabertos.

Pois seria verdade que o professor se mettesse com a merenda da rapaziada; e todos perguntaram quem tinha dito isso.

—Que bastava o elle dizel-o, affirmava.

—Sempre queriamos que nos contasses isso, diziam.

—Que sim, que ia contar; e depois d'uma pequena pausa começou,

dizendo, que o padre costumava no verão, para arrefecer o vinho, mettel-o dentro d'uma cestinha, e pendural-o no poço—para refrescar—dizia elle.

Ora, nós vamos logo lá ao quintal, tira-se o cesto para cima e záz, é só pegar nas garrafas.

—Que sim, que era uma grande ideia, concordaram todos á uma, e lá foram para a aula.

A lição correu como sempre monotonna e sensaborona, entre o *hora horae*, e alguns versiculos de Virgilio.

Terminada que foi, o mestre, como de costume, mandou-os brincar um bocado para o quintal, e elles partiram a correr, n'uma alegria immensa.

Fizeram o roubo, e mal o tinham praticado, vieram, com modo respeitoso, despedir-se do professor, e raspam-se.

Mas oh! decepção! tinha sido só uma garrafa, e elles queriam mais, outra pelo menos.

O padre ao jantar ia buscar o seu *vinhinho* fresco, mas, não achou a garrafa. Nada! aqui ha coisa! disse elle consigo, e teve que beber do outro vinho do quente.

No dia seguinte collocon duas, em vez d'uma, para fazer uma experiencia, segundo dizia, mas depois esqueceu-se d'isso, vieram os rapazes, e levaram-lh'as ambas.

Quando elle se lembrou d'ir ver se ainda lá estavam, era já tarde; foi só quando ia para jantar, e os rapazes já se tinham ido embora há muito. O padre deu um *cascarrão*, immenso, e chamou a creada.

—Foste tu que tiraste d'aqui as garrafas de vinho? perguntou.

—Não fui, não, senhor abbade.

—Então quem foi?

—Não sei, só se fossem os meninos, atrevesse a creada a dizer.

—Talvez fossem, talvez; hei-de perguntar amanhã; e entrando em casa, bujava como um gato assanhado—garotos, larapios, deixai estar que eu vos arranjaréi.

Passou mal a tarde, aborrecidissimo, dormiu mal, e até sonhou com as garrafas roubadas.

No dia seguinte, quando os rapazes vinham para a aula, a creada, como elle lhe tivesse ralhado, foi ter-se com elles, e contou-lhes o caso.

Ah! disse o auctor do furto, pois roubaram as garrafas ao senhor abbade? e quem foi? sabe?

—Que não, que não sabiam, até tinham desconfiado d'elles.

N'isto, elle que se tinha aproximado do poço, viu no fundo a sua figura, e teve uma idéa luminosa.

Já descobri os ladrões, senhora Joanna, vá chamar o senhor abbade que lh'os quero mostrar, dizia baixinho, como se temesse fazer fugir alguém.

E a creada lá foi correndo chamar o sr. P. Francisco, que saboreava n'esse momento, um succulento *bife de grelha*.

—Então aonde estão elles, seus tratantes, dizia o padre vermelho como um pimentão, e ainda com o guardanapo branco preso da sua gola negra.

Primeiro, preciso fazer-lhe uma pergunta, senhor abbade, V. S. acredita que haja os antipods de que hontem nos fallou?

—Olá, se acredito resmungou o padre por entre dentes, dando um passo á retaguarda.

—Pois são esses mesmos, volta o rapazelho, que lhe bebem o vinho, e senão faz favor de chegar aqui á beira do poço e olhar para baixo.

Assim fez, e ao vêr na agua as figuras dos rapazes, que se tinham curvado em volta, para melhor exa-

minarem, puchou acima o cesto onde já estava outra garrafa, dizendo: lá que havia antipodas, sabia, mas que andavam tão perto de nós, que fossem capazes de nos beber o vinho, isso é que eu nunca imaginei.

E nunca mais quiz refrescar o vinho, preferia bebel-o quente.

Antes eu que os outros, dizia.

13—3—84.

Alvaro Lagrin.

UMA VISITA A ANGEJA

A 8 kilometros ao N. E. d'Aveiro, a archaica villa de Angeja assenta na encosta suave de uma pequena eminencia, mostrando ao sol poente, —que ella todos os dias vê afundir-se nas aguas do Atlantico,— o amphitheatro das suas construcções brancas, em cujas vidraças se reflecte o ultimo raio de oiro do rubro disco solar. Deliciosa situação topographica, não ha duvida.

Vae para quatro annos,—quatro seculos!— que eu lá fui. Era dia da Senhora das Neves, a padroeira da freguezia, festa muito fallada n'aquelle anno,—em que haveria duas musicas, alem dos indispensaveis *zabumbas* de Frossos; muito fogo; rica illuminação; uma festa de estrondo!— dizia-se.

Com effeito, não ficou lograda a expectativa das *gentes*: o programma foi cumprido com escrupulo. Na vespera á noite, uma multidão compacta, á luz baça dos ballões venezianos, tinha movimentos febris de entusiasmo no meio do susurro de —*brá, brá*— Havia fleiras de mesas que vergavam ao peso de gloseimas e bebidas de côres provocantes, servidas por guapas moças de caras bochechudas e seios tumidos. Por outro lado o continuo remexer d'uma multidão ululante, soffrega de prazer, o ruido pouco harmonioso das musicas, o estalar dos fognetes, emfim, uma bacchanal no proprio coração da noite.

N'um dado momento a multidão soltou um —*ah!*— prolongado e abriu-se para dar passagem a uma cavallada burlesca... soldados a cavallo brandindo espadas ferrugentas; homensa pé, com cabeças de papelão como aboboras e saias brancas pelos hombros, a fazer momices as povo, que ria com esforço, outros cavalgando touros de grandes pontas, tambem de papelão, a fazer *charivari* com arremetidas de touros bravos...

Ruidosa noite aquella, que me ficou na memoria como um pesadelo!

No dia seguinte, dia da festa, tudo socegado, como que extenuado

das orgias da vespera. Havia uma só preocupação em todos os espiritos: preparar o jantar do orago, um jantar de forno, obrigado ao prato de leitão assado; jantar de amigos, a cujo *déssert* se contavam os brindes pelo calices do *Porto*, que se iam esgotando.

O dia e a festa passaram-se despercebidos, no cavaco; quasi á noite um curto passeio ao arraial, consideravelmente diminuido desde a vespera, e... disse.

A manhã do dia immediato passei-a a admirar o esplendido passeio desde Angeja até á ponte de Madeira sobre o Vouga. Esplendido, de certo: n'aquella consideravel extensão de estrada, alamos e salgueiros formam um tunel maciço de verdura. Não conheço logar mais aprasiavel.

De tarde fomos para o rio barquear. Subimos a corrente até perto da Pateira de Frossos; depois deixamo-nos correr pela agua abaixo a gozar do fructo do nosso trabalho,—eu assentado na prôa e o meu *companheiro* á ré guiando a fragil embarcação. Seguia-nos a pouca distancia um barco dirigido por dois homens de rostos tostados e coecas a bambolear nas pernas grossas.

De repente, quatro mãos finas e roseas agarraram-se aos dois bordos da nossa bateira, que se ia submergindo. O meu camarada teve um momento de susto e gritou, escandalizado:

—Demonios... sedutores! largae, largae!

Não pôde concluir: um côro de gargalhadas de crystal fel-o embuchar. Eram duas senhoras que se divertiam á nossa custa e se banhavam n'aquellas aguas mornas.

Trocaram ditos espirituosos enquanto *desciamos* a corrente, deixando as banhistas a patinhar na agua baixa. O barco seguia-nos sempre a igual distancia e, por sua vez, passou pelas damas travessas.

Os barqueiros tiveram para ellas um sorriso intelligente. Mais abaixo, um disse a meia voz, tencionalmente:

—E se traziamos as nossas redes? .. Hein?

—Boa pescal!—respondeu o outro, meditando.

As senhoras não ouviram aquella delicada referencia ás suas formas esculpturaes, mas ouvi-a eu, e, enolto na minha detestavel misanthropia, fiquei a pensar se, tambem munido de redes, seria feliz ou infeliz pescando alguma ninfa d'aquellas...

O leitor ha de concordar que o problema não era nada facil...

Estarreja, —1887.

Tavarreca.

HORAS VAGAS

LOGOGRIPHO*

(ACROSTICO DUPLO—POR LETRAS)

Ao Annibal Vasco Leão

PREMIO:

A decifração do mesmo

5, 2, 3, 23, 6, 4—Wellas cidades vou já demonstrar—1, 14, 13, 7
20, 22, 1, 15, 17, 24, 25, 28, 21, 30—Optimas ilhas, e d'ellas v'o vendo—9, 27, 20, 5, 8, 14
13, 11, 29, 23, 6, 20—Uns certos rios da Europa corre zido—12, 5, 6, 26
18, 12, 11, 26, 3—Das teabram umas aves d'aspecto vul Darl—24, 27, 26, 5, 12, 10, 14
25, 16, 2, 19—Citeis agora são estes *meta* rs.—24, 26, 14, 21, 27
20, 17, 21, 16, 18, 11, 27—E estas, (visiveis sempre nos Hornas)—7, 14, 21, 3
—sem muitas palavras, faz admirar!

Porto.

Narciso d'Albuquerque.

* São tres palavras, a primeira termina no numero 6, a segunda no numero 17 e a terceira no numero 30.